

A GREVE GERAL DO DIA 28 A:

Ampliar a Autodefesa das Trabalhadoras e Trabalhadores contra as reformas neoliberais e a Tirania do Estado!

Comunicado nº 53 da União Popular Anarquista – UNIPA, Maio de 2017.

SITE: www.uniaoanarquista.wordpress.com

FACEBOOK: [/uniaopopularanarquista](https://www.facebook.com/uniaopopularanarquista)

E-MAIL: unipa@protonmail.com

A greve geral do dia 28 de abril de 2017, o 28-A, foi novamente um dia fundamental para a classe trabalhadora. Novamente a ação direta das massas foi fundamental para o sucesso das paralisações. A greve teve um grande poder de pressão e contou com apoio popular, que se não se efetivou em greve de diversas categorias, como asseio e conservação e comerciários, se deu muito mais pela letargia e amarras da burocracia sindical do que pela vontade das trabalhadoras e trabalhadores.

A ação direta através de bloqueios, piquetes e barricadas foram fundamentais para que o patronato e o capital fossem afetados pela força coletiva da classe trabalhadora. Por outro lado, todo o poder da base das trabalhadoras e trabalhadores ainda não foi capaz de vencer as burocracias sindicais e as reformas neoliberais do governo Temer que assumiu definitivamente o terrorismo de Estado para tentar conter a luta social. Ainda assim, diante dessas contradições, temos todo um esforço do reformismo para manter a ordem e a institucionalidade, ou seja, há todo um esforço para manutenção da democracia burguesia, de um pacto republicano e estabilização do regime.

A tendência que se consolida, após esse dia 28 de abril, é que o PMDB, o PSDB e a burguesia que pretende aumentar a superexploração sobre as trabalhadoras e trabalhadores e para isso vão responder o movimento de massas com repressão e terrorismo de Estado, com avanço de uma violência sistemática e cada vez mais abrangente, atingindo praticamente todas as frações da classe trabalhadora. Aquelas categorias que fechavam os olhos para violência contra o povo negro e a retirada de direitos de outros trabalhadores, nem isso mais podem fazer.

A TIRANIA DO ESTADO E A CONSOLIDAÇÃO DO ESTADO DE EXCEÇÃO

A tirania, o terrorismo de estado foi a forma que o Estado resolveu conter o movimento de massa contra as reformas neoliberais do governo Temer. Nos Comunicados nº 46 e nº 47 havíamos indicados que a vitória do bloco burguês-conservador levaria a uma política de ajuste fiscal e aprofundamento da repressão bem como uma ação no marco da legalidade burguesa impetrado pelo bloco socialdemocrata, esse mesmo bloco que centralizou e organizou toda repressão estatal nos últimos 13 anos, com aumento do Estado Penal e Policial, que sempre foi visível nas favelas e periferias e no campo.

O recrudescimento também pode ser visto pelos massacres no campo, como recentemente no Mato Grosso, Pará e Maranhão; pela caçada administrativa de trabalhadores do serviço público e pela criminalização dentro da própria estrutura do Estado, como no caso da CPI da FUNAI, que envolve inclusive a criminalização de procuradores da república. Dentro do aumento da violência sistemática, temos a condenação do Rafael Braga como um recado para o proletariado marginal das periferias e favelas que se insurgiram em 2013 e na greve negra dos garis de 2014.

No dia 28-A vimos a militarização e o uso indiscriminado da violência com clara orientação para matar, como foi no caso de Mateus (GO), da estudante que levou um tiro de bala de borracha na boca em MG e da caçada no Rio de Janeiro. Importante lembrar, que ação da PM contra Mateus aconteceu depois de uma delação da CUT, que provocou a ação da PM contra os manifestantes do Bloco Autônomo em Goiânia.

No Rio de Janeiro, a Polícia atacou a multidão na ALERJ, por volta das 16h, com a intenção de matar: seja através de tiros na direção da cabeça, ou com uma guerra química provocada por uma grande quantidade de bombas de gás lacrimogênio, proibido em guerras convencionais. A ordem era simplesmente impedir a manifestação. A PM atacou os manifestantes enquanto esses se dirigiam para Candelária, região central do Rio de Janeiro, onde fariam um protesto contra o genocídio do povo negro. Dessa maneira, coube aos manifestantes resistirem para garantir que o que sobrou da marcha chegasse a Candelária e depois Cinelândia. Dessa maneira, os manifestantes começaram a resistir à ação policial. Barricadas foram montadas. E mesmo assim uma parte da marcha prosseguiu em direção a Candelária e outra parte foi dispersada. Assim, começou a caçada da PM e as tentativas de assassinato de manifestantes com tiros e lançamentos de bombas de efeito moral e de gás lacrimogênio. Na candelária novamente um grande ataque químico e com balas de borrachas que desfez a marcha e fez com que as trabalhadoras, trabalhadores e estudantes se dispersassem pelo centro do Rio. E diante da caçada e da covardia policial coube aos manifestantes a resistência. Essa resistência retardou a chegada da polícia a Cinelândia, uma vez que enquanto a resistência retardava a Polícia, os manifestantes se reagrupavam.

Mesmo o “Ato Show” das Centrais Sindicais com um palanque na Cinelândia foi atacado. Mesmo diante do ataque na ALERJ, Candelária e Rio Branco a programação do show prosseguia como se estivesse tudo normal. Mesmo ouvindo o barulho de bombas e helicópteros, tudo permanecia como se tivessem imunidade a ação policial. Mesmo assim, deputados e burocratas fizeram apelos patéticos a polícia, que demonstrou toda a política de estado: a tirania.

Como já ocorrera desde 2013, a PM atirou em bares e restaurantes, pessoas foram atingidas em locais fechados. A violência foi indiscriminada, e sua escalada só vem aumentando. O terrorismo de Estado está se ampliando para além das favelas, periferias e do campo. Não existe mais uma parcela da classe trabalhadora que não será atingida

A tentativa de manter as ilusões institucionais e da legalidade burguesa e por isso manter a retórica do vandalismo diante da caçada e do terrorismo do Estado é adotar uma atitude delatora, criminoso e covarde. A pequena burguesia de esquerda prefere manter sua legalidade e pequenos benefícios, cada vez menores, do que combater integralmente as reformas neoliberais, o genocídio do povo negro, os assassinatos no campo e a tirania estatal.

A LUTA CONTRA O SINDICALISMO DE ESTADO E SOCIALDEMOCRATA

Desde o final do ano passado, a dinâmica BASE contra Direção vem se impondo, e desde então ocorre uma luta entre uma efetiva radicalização da luta contra as reformas neoliberais e um controle destas com intenções eleitorais para 2018.

O ato do dia 29 de novembro de 2016 contra a aprovação da PEC 55 (ex-PEC 241), em Brasília, assumiu o caráter de uma rebelião estudantil violenta, onde ficou claro que a UNE não tinha o controle completo do movimento, e então o reformismo do PT/PCdoB e suas organizações rapidamente desmobilizaram as ocupações e caravanas à Brasília em 13 de dezembro, que participaria do protesto contra o segundo turno da votação da PEC 241/55 (que congelou os gastos com públicos por 20 anos).

Novas mobilizações só vieram a ocorrer no dia 8M e 15M, ganhando novamente contornos de ação direta e construção pela base, saindo do controle das centrais e partidos políticos reformistas. A greve geral, entoada pela massa desde junho de 2013, só foi marcada para o dia de 28 de abril, uma sexta feira, na véspera de feriado.

A “greve geral” do 28-A tinha todos elementos de mais um blefe das centrais sindicais e do sindicalismo de estado e socialdemocrata. Uma greve domesticada. A contradição entre a luta dos trabalhadores e trabalhadoras na base contra as direções das centrais, sindicatos e partidos também aconteceu na construção do 28-A. Marcado inicialmente para se manter dentro da legalidade e institucionalidade burguesa, foi tomando corpo na medida em que diferentes grupos autônomos, marxistas revolucionários, anarquistas e sindicalistas revolucionários passaram a atuar de forma que as categorias, ativistas e trabalhadores em geral se mobilizasse para as atividades do dia.

As centrais marcaram um dia de greve, e no caso do Rio de Janeiro, um ato-show no final da tarde do dia 28. Atuação do FOB na base do SEPE foi fundamental para que uma marcha contras reformas fosse aprovada, denunciando a política de ato show e o que levou que diversas categorias aderissem à proposta de uma Marcha no centro do RJ, sendo que a proposta original seria concentração na Candelária e término na ALERJ, centro de poder e local onde se vem tentando desde 2016 implementar as políticas de austeridade que Temer quer aprovar a nível nacional.

Dessa maneira, os diferentes grupos passaram a atuar para construção efetiva do dia 28-A, promovendo a organização dos piquetes e bloqueios de rodovia e sistema de transporte paralisando a circulação. Setores do reformismo tiveram que abandonar sua passividade, surgindo assim um reformismo combativo na jornada do dia 28-A. Dessa maneira, o que seria um blefe ou uma ação domesticada, se transformou numa efetiva paralisação da economia nacional. Gerando um prejuízo de mais 5 bilhões de reais à burguesia. No caso do RJ, antes de ir para a Marcha a tarde na ALERJ, diversas categorias participaram de uma madrugada e manhã de bloqueios de rodovias, pontes, terminais de ônibus, barcas e aeroportos e trancamento de ruas e rodovias.

A LUTA CONTRA A BURGUESIA, O ESTADO E O REFORMISMO

Com o 28-A se agudiza duas contradições importantes que já havíamos observados nos Comunicados nº 46 e nº 47: 1) a luta contra a burguesia, o terrorismo de Estado, o PMDB e as reformas neoliberais; 2) a luta contra a burocracia sindical e o reformismo.

Temos assim, com a radicalização da luta de classe a confirmação de um cenário cada vez mais certo de estado de exceção. O bloco burguês-conservador resolveu caminhar para um

recrudescimento das políticas neoliberais que significará o empobrecimento e a perda de direitos do povo brasileiro. Para isso, aumenta a escalada de violência e a generalização do terrorismo de Estado, ao mesmo tempo em que o bloco socialdemocrata tenta manter os protestos dentro da legalidade e sabotar a agitação de massas, se posicionando ainda como um partido da ordem. Surgindo setores combativos dentro desse bloco, liderado pelo PT e PCdoB através das suas frentes: Povo Sem Medo e Brasil Popular. Não por acaso a reunião das centrais logo após o 28-A e o primeiro de maio definiu uma “ocupação” domesticada, sem greves e paralisações, em Brasília, e negociação com parlamentares e forças policiais. Substituindo a ação direta e toda luta coletiva dos trabalhadores pela negociação burguesa nos gabinetes da Esplanada dos Ministérios.

Enquanto o bloco socialdemocrata anuncia que tomou um golpe e negocia com os golpistas, a classe trabalhadora resolveu que o golpe nos seus direitos se conquista com a greve geral, com ação direta da classe. A estratégia do bloco socialdemocrata, mesmo diante do terrorismo de estado e do Estado Exceção, alimentando por eles durante mais de uma década, é garantir a legalidade burguesa para as disputas eleitorais, promovendo greves que não tenha nenhum impacto real na acumulação de capital no Brasil. E depois dirão que greve geral foi “sem efeito”, que as massas não estão “preparadas”. Essa estratégia derrotista é uma estratégia oportunista, visa apenas preservar a burocracia sindical e realizar o trabalho de apoio a campanha “Lula 2018”.

A classe trabalhadora e o bloco autônomo, composto por sindicalistas, marxistas e anarquistas revolucionários, necessitam aprofundar o trabalho organizativo contra a burocracia sindical, contra o espontaneísmo e contra o individualismo. Organizar a autodefesa de massas em cada local de estudo, moradia e trabalho de modo que seja generalizado. Se preparar cada vez mais para o recrudescimento da repressão e ampliação de um estado de exceção, que não necessariamente seja uma “ditadura militar” clássica.

Além disso, é preciso combater o terrorismo de estado e as reformas neoliberais. Por isso dizemos: é hora de construir uma greve geral por tempo indeterminado. Parar a produção nas fábricas, parar as escolas, parar a produção no campo, parar os portos, rodovias e aeroportos. É hora de parar os transportes, as universidades, as escolas. É hora de ocupar as ruas, ocupar as assembleias legislativas e expulsar os políticos corruptos do poder. Diante da crise política na classe dominante, é hora de uma greve geral ofensiva.

A função dos anarquistas revolucionários hoje é aprofundar o trabalho organizativo e agitativo. É hora de intensificar a mobilização e não lobbys para convencer parlamentares. A estratégia da classe é a ação direta. Precisamos intensificar a mobilização. A greve geral de 28 de abril foi uma greve geral de advertência e organização, ou seja, defensiva. É preciso realizar outras greves defensivas e de organização nos meses de maio para culminar com uma grande greve geral ofensiva por tempo indeterminado em junho.

***Greve geral pela suspensão e anulação das reformas da previdência, da lei da terceirização, da reforma do ensino médio e da PEC 55!
Justiça para as Vítimas da Brutalidade Policial!
Pela liberdade de Rafael Braga!!!
Greve Geral pela Base!***